

# O jardineiro e os senhores

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

A uma milha da capital ficava uma antiga casa senhorial, de paredes grossas, torres e empenas recortadas.

Ali moravam, mas somente no verão, uns senhores ricos e da alta nobreza; aquela propriedade era a melhor e a mais bonita de todas as que possuíam. Por fora, parecia recém-saída do molde; por dentro, era acolhedora e confortável. O brasão da família estava esculpido em pedra acima do portão; belas rosas se enroscavam pelo brasão e pela janela saliente, um verdadeiro tapete de grama se estendia diante da casa. Havia espinheiros de flores vermelhas e brancas, havia flores raras, até fora da estufa.

Os senhores também tinham um jardineiro competente; era um prazer ver o jardim de flores, o pomar e a horta. Junto desta ainda restava uma parte do antigo jardim original da propriedade, com algumas cercas de buxo podadas em forma de coroas e pirâmides. Atrás delas se erguiam duas árvores antigas e imensas; estavam quase sempre sem folhas, e seria fácil imaginar que uma ventania ou uma tromba de ar as tivesse coberto de grandes montes de esterco; mas cada monte era um ninho de pássaro.

Ali, desde tempos imemoriais, fazia seus ninhos uma multidão de gralhas e corvos barulhentos. Era uma cidade inteira de aves, e as aves eram os senhores, os proprietários, a família mais antiga da residência senhorial, os verdadeiros senhores da propriedade. Nenhum dos seres humanos lá embaixo lhes dizia respeito, mas toleravam aquelas criaturas que andavam tão rente ao chão, embora elas às vezes dessem tiros de espingarda, que faziam cócegas na

espinha das aves, de modo que cada uma levantava voo assustada, gritando: “Crac! Crac!”

O jardineiro falava muitas vezes aos seus senhores em mandar derrubar as velhas árvores; não tinham boa aparência e, se fossem removidas, provavelmente se livrariam das aves gritadoras, que procurariam outro lugar. Mas os senhores não queriam se desfazer nem das árvores nem daquela multidão de aves: era algo que a propriedade não podia perder, algo dos velhos tempos, e esses não deviam ser inteiramente apagados.

— Essas árvores são agora a herança das aves; deixe que a conservem, meu bom Larsen!

O jardineiro se chamava Larsen, mas isso aqui não tem maior importância.

— O senhor não tem espaço suficiente para trabalhar, meu pequeno Larsen? Todo o jardim de flores, as estufas, o pomar e a horta?

Tinha, sim; cuidava deles, tratava-os e os fazia florescer com zelo e competência, e os senhores reconheciam isso. Mas não lhe escondiam que, em casa de outras pessoas, muitas vezes comiam frutas e viam flores superiores às que tinham no seu jardim, e isso entristecia o jardineiro, pois ele queria o melhor e fazia o melhor. Era bom de coração e bom no seu ofício.

Um dia, os senhores mandaram chamá-lo e disseram, com toda a brandura e ares senhoriais, que, na véspera, em casa de amigos ilustres, haviam comido uma variedade de maçãs e peras tão suculentas e saborosas que eles e todos os convidados haviam manifestado sua admiração. As frutas certamente não eram do país, mas deveriam ser importadas e aclimatadas ali, se o nosso clima permitisse. Sabia-se que tinham sido compradas na cidade, no melhor

comerciante de frutas; o jardineiro devia ir até lá a cavalo, descobrir de onde vinham aquelas maçãs e peras e mandar buscar ramos para enxerto.

O jardineiro conhecia bem o comerciante de frutas: era justamente a ele que vendia, em nome dos senhores, o excedente das frutas que cresciam no jardim da propriedade.

E o jardineiro foi à cidade e perguntou ao comerciante de onde vinham aquelas maçãs e peras tão elogiadas.

— São do seu próprio jardim! — disse o comerciante, mostrando-lhe uma maçã e uma pera, que ele reconheceu.

Ah, como ficou contente o jardineiro! Correu para os senhores e contou que tanto as maçãs como as peras eram do próprio jardim deles.

Os senhores não conseguiam acreditar.

— Não é possível, Larsen! O senhor pode obter uma confirmação por escrito do comerciante?

Podia, sim; trouxe uma declaração por escrito!

— Mas que coisa extraordinária! — disseram os senhores.

Agora, todos os dias, grandes tigelas daquelas magníficas maçãs e peras do próprio jardim apareciam na mesa dos senhores; alqueires e tonéis daquelas frutas eram enviados aos amigos da cidade e de fora dela, até mesmo ao estrangeiro. Era uma verdadeira alegria! Contudo, eles tinham de acrescentar que também houvera dois verões extraordinariamente bons para as árvores frutíferas: as frutas haviam prosperado em todo o país.

Passou algum tempo; os senhores foram jantar na corte. No dia seguinte, o jardineiro foi chamado à sua presença. À mesa real, haviam comido melões tão suculentos e saborosos, vindos da estufa de Suas Majestades.

— O senhor deve ir ao jardineiro da corte, meu bom Larsen, e conseguir para nós algumas sementes desses deliciosos melões!

— Mas o jardineiro da corte recebeu de nós as sementes! — disse o jardineiro, muito satisfeito.

— Então esse homem soube aperfeiçoar a fruta! — responderam os senhores.  
— Todos os melões eram excelentes!

— Nesse caso, posso me orgulhar! — disse o jardineiro. — Devo dizer aos meus nobres senhores que, neste ano, o jardineiro do palácio não teve sorte com seus melões; quando viu como os nossos estavam magníficos e os provou, encomendou três deles para o palácio!

— Larsen! Não meta na cabeça que eram os melões do nosso jardim!

— Creio que eram! — disse o jardineiro, e foi ao jardineiro do palácio, de quem recebeu uma declaração escrita de que os melões servidos à mesa real haviam vindo da propriedade.

Foi realmente uma surpresa para os senhores, e eles não esconderam a história: exibiram a declaração e enviaram sementes de melão por toda parte, como antes haviam feito com os ramos para enxerto.

Destes chegaram notícias de que haviam pegado e dado frutos excelentes, e a variedade recebera o nome da propriedade dos senhores, de modo que agora esse nome podia ser lido em inglês, alemão e francês.

Nunca antes tinham imaginado uma coisa dessas.

— Tomara que o jardineiro não comece a se achar importante demais! — disseram os senhores.

Ele entendia aquilo de outro modo: justamente agora queria se esforçar para sustentar sua reputação de um dos melhores jardineiros do país, tentar apresentar, a cada ano, algo de excelente em todas as variedades do jardim, e assim fazia. Muitas vezes, porém, ouvia que as primeiras frutas que trouxera, as maçãs e as peras, eram realmente as melhores; todas as variedades posteriores ficavam muito abaixo delas. Os melões tinham sido muito bons, sem dúvida, mas eram de um tipo completamente diferente. Os morangos podiam ser chamados de excelentes, mas não eram melhores que os dos outros senhores; e, quando os rabanetes não deram certo em um ano, só se falou dos malfadados rabanetes, sem mencionar as outras coisas boas que haviam sido trazidas.

Era quase como se os senhores sentissem alívio em dizer:

— Não deu certo este ano, meu pequeno Larsen!

Ficavam muito contentes por poder dizer:

— Não deu certo este ano!

Duas vezes por semana, o jardineiro levava flores frescas à sala, sempre dispostas com tanto bom gosto que, na combinação, as cores pareciam ganhar uma luz mais forte.

— O senhor tem bom gosto, Larsen! — diziam os senhores. — É um dom que Nosso Senhor lhe deu, não foi o senhor mesmo!

Um dia, o jardineiro chegou com uma grande tigela de cristal, na qual havia uma folha de nenúfar; sobre ela estava deitada uma flor azul radiante, grande como um girassol, com a haste longa e grossa mergulhada na água.

— O lótus do Hindustão! — exclamaram os senhores.

Nunca tinham visto uma flor assim; durante o dia, ela foi colocada à luz do sol e, à noite, sob luz refletida. Todos que a viam a achavam extraordinariamente bela e rara; até a mais ilustre das jovens damas do país disse isso, e ela era princesa, inteligente e bondosa de coração.

Os senhores fizeram questão de lhe oferecer a flor, e ela seguiu com a princesa para o palácio.

Então os senhores desceram ao jardim para colher por si mesmos outra flor da mesma espécie, se ainda houvesse alguma, mas não a encontraram.

Chamaram o jardineiro e perguntaram de onde ele tirara o lótus azul.

— Procuramos em vão! — disseram. — Fomos às estufas e percorremos todo o jardim de flores!

— Não, lá ela realmente não está! — disse o jardineiro. — É apenas uma humilde flor da horta! Mas não é verdade que é bonita? Parece um cacto azul e, no entanto, é só a flor da alcachofra!

— Devia ter nos dito isso imediatamente! — disseram os senhores. — É claro que pensamos que fosse uma flor estrangeira e rara. O senhor nos expôs ao ridículo diante da jovem princesa! Ela viu a flor aqui, achou-a tão bonita, não a conhecia; e ela entende profundamente de botânica, mas essa ciência nada tem a ver com verduras. Como pôde lhe ocorrer, meu bom Larsen, colocar uma flor dessas na sala? É fazer de nós motivo de riso!

E a bela e esplêndida flor azul, trazida da horta, foi posta para fora da sala dos senhores, onde não era seu lugar. Os senhores chegaram a pedir desculpas à princesa e contaram que a flor era apenas uma hortaliça que o jardineiro resolvera exhibir, mas que, por isso, recebera uma severa repreensão.

— Isso foi uma pena e uma injustiça! — disse a princesa. — Ele nos abriu os olhos para uma flor magnífica, na qual nem sequer reparávamos; mostrou-nos a beleza onde não nos ocorria procurá-la! O jardineiro do palácio deverá me trazer uma todos os dias, enquanto as alcachofras estiverem floridas!

E assim foi feito.

Os senhores mandaram dizer ao jardineiro que ele podia voltar a lhes trazer uma flor de alcachofra fresca.

— No fundo, é bonita! — disseram. — Extraordinária!

E o jardineiro recebeu elogios.

— Larsen gosta bem disso! — disseram os senhores. — É uma criança mimada!

No outono, houve uma tempestade terrível; ela se intensificou pela noite adentro, tão violenta que muitas árvores grandes na beira da floresta foram arrancadas pela raiz. Para grande tristeza dos senhores — tristeza, como eles a chamavam —, mas para alegria do jardineiro, as duas grandes árvores caíram com todos os ninhos. Em meio à tempestade, ouviam-se os gritos das gralhas e dos corvos; batiam com as asas nas vidraças, disseram os empregados da propriedade.

— Agora o senhor deve estar contente, Larsen! — disseram os senhores. — A tempestade derrubou as árvores, e as aves foram para a floresta. Aqui já não

resta vestígio dos velhos tempos; todo sinal, toda alusão desapareceu! Isso nos entristeceu!

O jardineiro não disse nada, mas pensou no que havia muito vinha pensando: aproveitar bem aquele magnífico espaço ensolarado, de que antes não podia dispor; ele se tornaria o orgulho do jardim e a alegria dos senhores.

As grandes árvores derrubadas haviam quebrado e esmagado as antiquíssimas cercas de buxo, com todas as suas formas recortadas. Ali ele fez crescer uma moita de plantas da terra, vindas dos campos e da floresta.

Aquilo que nenhum outro jardineiro pensara em plantar tão abundantemente num jardim senhorial, ele colocou ali, dando a cada planta a terra de que precisava, sombra ou sol conforme a necessidade de cada espécie. Cuidava delas com amor, e elas cresciam em esplendor.

O zimbro da charneca da Jutlândia se erguia, com a forma e a cor do cipreste da Itália; o azevinho brilhante e espinhoso, sempre verde, no frio do inverno e ao sol do verão, era belo de se ver. Adiante cresciam samambaias de muitas espécies diferentes: algumas pareciam filhas da palmeira, outras, mães daquela planta delicada e bela que chamamos de avenca. Ali estava a desprezada bardana, tão bonita no seu viço que fazia boa figura num buquê. A bardana ficava na parte seca; mais abaixo, no terreno mais úmido, crescia a labaga, também desprezada e, no entanto, tão pitorescamente bela por sua altura e por sua folha imensa. Da altura de uma braça, com uma flor junto da outra, como um enorme candelabro de muitos braços, erguia-se o verbasco transplantado do campo. Ali havia aspérulas, primulas e lírios-do-vale da floresta, a cala silvestre e a delicada azedinha de três folhas. Era uma beleza de se ver.

Na frente, apoiadas em fios de aço, cresciam em fileira pereiras bem pequenas, vindas de solo francês. Recebiam sol e bons cuidados e logo deram frutos grandes e suculentos, como no país de onde vinham.

No lugar das duas árvores antigas e sem folhas, foi erguido um mastro alto, no qual tremulava a Dannebrog, a bandeira dinamarquesa. Bem perto havia outro mastro, em que, no verão e na época da colheita, se enroscava o lúpulo com seus perfumados cones de flores, mas onde, no inverno, segundo o antigo costume, se pendurava um feixe de aveia para que as aves do céu pudessem fazer sua refeição no alegre Natal.

— O bom Larsen está ficando sentimental na velhice! — disseram os senhores. — Mas é fiel e dedicado a nós!

No Ano-Novo, um dos jornais ilustrados da capital trouxe uma imagem da antiga propriedade. Nela se viam o mastro e o feixe de aveia para as aves do céu no alegre Natal, e o jornal mencionava e elogiava como uma bela ideia o fato de ali se ter restituído respeito e honra a um antigo costume, tão característico daquela velha propriedade.

— Tudo o que esse Larsen faz — disseram os senhores — é anunciado ao som de tambores. É um homem de sorte! Quase temos de nos orgulhar de tê-lo!

Mas não se orgulhavam nem um pouco disso! Sentiam que eram os senhores, que podiam despedir Larsen; mas não o faziam, eram boas pessoas, e há tantas boas pessoas da espécie deles, o que é uma alegria para qualquer Larsen.

Sim, essa é a história de “O jardineiro e os senhores”.

## Agora você pode pensar nela!

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-jardineiro-e-os-senhores>